Ano VII — Lisboa, Julho de 1951 — N.º 75

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

AS TOURADAS

UM ATENTADO À EDUCAÇÃO

O Escoteiro ama os animais e as plantas.

VI artigo da lei do Escoteiro.

O problema dos *touros de morte* e, consequentemente, das touradas, voltou a estar na ordem do dia em face do gesto audacioso de um toureiro que, contra o preceituado na Lei, abateu em plena arena o touro que lidava, ante os aplausos frenéticos dos espectadores. Não vamos comentar o acto ilegal e, parece que premeditado, do referido toureiro. Isso é assunto com as autoridades; mas julgamos nosso dever, agora que em volta deste assunto se levanta grande celeuma e se pretende conseguir permissão para as *touradas à espanhola*, estudar a influência das touradas no carácter do povo, especialmente a sua influência na personalidade das crianças e adolescentes que assistem a tão bárbaro espectáculo.

Claro que não esperamos trazer qualquer novo contributo para o estudo deste assunto. O problema das touradas está esclarecido. Aqueles que as combatem fazem-no por imperativo de consciência, sabendo que condenam um espectáculo pernicioso à educação do povo, reminiscência das épocas do barbarismo, das lutas de gladiadores e outras cenas dos negros tempos de Nero. Os que as defendem, não têm preocupações éticas; se o não fazem por inconfessados interesses mercantis, desejam apenas dar larga aos seus instintos animais, viver a atmosfera inebriante do circo em que o suor, a poeira e o sangue se amassam; querem divertir-se com o sofrimento, gozar uma cena sem dúvida cheia de cor e movimento, gritando desvairadamente enquanto o toureiro fere, massacra — e, se o deixarem, mata — o touro traiçoeiramente conduzido à luta.

Não é, porém, impunemente que se vive um espectáculo de tal natureza, apaixonando-se pelo combate, vibrando perante a dor do animal inocentemente castigado. É certo que da parte do touro está — às vezes — a força, mas a força bruta; enquanto o homem luta com os recursos da sua inteligência privilegiada, usando uma agilidade intensamente exercitada, utilizando uma técnica adquirida à força de repetidos treinos e estudo. Não há heroísmo no toureiro. Heroísmo é uma virtude superior que implica abnegação, coragem que supera situações difíceis, própria de quem arrisca a vida por causa nobre. Quem combate, como o toureiro, em condições tão favoráveis, por muita perícia que revele, por muita agilidade e capacidade física que demonstre, é um cobarde. Quem goza e aplaude uma crueldade não pode deixar de preverter os sentimentos, endurecer o carácter, insensibilizar a consciência.

A educação faz-se de hábitos. Um povo que se acostuma a rir do sofrimento, ainda que seja de um animal e este seja uma fera, ficará certamente incapaz de se condoer do seu semelhante, insensível à dor do seu melhor amigo.

A saúde pública constitui hoje uma das maiores preocupações dos Estados. E, por saúde, não podemos necessàriamente entender só aquilo que se relaciona com a natureza física. A saúde psíquica de um povo é condição essencial ao seu progresso, garantia do equilíbrio das suas instituições e da sua vida social. As touradas constituem um atentado à robustez psíquica do povo e, portanto, tudo quanto for feito para as suprimir ou, pelo menos, reduzir a sua crueldade e a sua influência, é obra de sanidade, de interesse nacional.

Os *touros de morte* talvez não causem nem mais nem menos sofrimentos ao touro que as *touradas à portuguesa*. É possível que esteja certa a afirmação feita pelos defensores das *touradas à espanhola* de que, desta maneira, o animal sofre menos. Mas a sua influência no carácter do espectador é que é mais perniciosa, porque se reveste de maior crueldade ainda matar o animal só pelo prazer do espectáculo, pelo deleite que isso causa no público excitado.

A morte — ainda de uma planta que seja — deve merecer respeito. Sacrificar um animal, só pelo prazer de matar, não é censurável, mas criminoso, capaz, por si só, de insensibilizar a consciência humana. Referindo-se a este problema, o Dr. Júlio Dantas diz que «matar para divertir já é torpe; dar à morte foros de grande espectáculo é criar uma escola de crueldade e de crime».

O escritor Dr. Fidelino de Figueiredo afirmou, por sua vez, que «o gosto dos *touros de morte* é um dos mais significativos sinais da decadência psíquica contemporânea». Não será, pois, ousadia relacionar com o gosto das touradas o carácter sanguinário de certos povos.

Resumiremos as nossas conclusões arquivando a douta opinião do Prof. Dr. Cabral de Moncada, da Universidade de Coimbra, expressa por ocasião de uma campanha contra os *touros de morte*. «A estética

(Conclui na 3.ª página)

O "POW-WOW,, DO VELHO LOBO

5.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Como consequência imediata da lealdade, de que vos falei na palestra passada, surge a necessidade de auxiliarmos os outros sempre que nos seja possível fazê-lo, ainda que com sacrifício nosso, ainda que o nosso subconsciente nisso veja desprazer. Por isso B.-P. redigiu a 3.ª Lei dizendo que

É dever do Escoteiro ser útil e ajudar os outros,

acrescentando:

> *«E ele deve cumprir o seu dever acima de tudo, mesmo que tenha de pôr de parte os seus prazeres ou a sua segurança pessoal para o fazer. Quando se tiver dificuldade em saber qual de duas coisas se deve fazer, perguntar-se-á a si próprio: — «Qual é o meu dever?» — isto é: — «Qual é o melhor para os outros?» — e cumprir esse. Deve estar Sempre Pronto em qualquer ocasião para salvar vidas ou para socorrer pessoas feridas. E* tem o dever de se esforçar por praticar pelo menos uma boa acção *para com alguém, todos os dias.»*

Quer no seu admirável *Scouting for Boys*, quer nos outros livros que deste derivaram, insiste B.-P. na B. A. diária, em que está resumida a 3.ª Lei. E é isso que vós, meus rapazes, deveis reter na memória, fixá-lo bem, meditá-lo profundamente, para que amanhã, como homens, possais contribuir para a transformação do ambiente social da nossa Terra, em que, como no resto do Mundo, campeia o egoísmo mais feroz que jamais se viu.

Este serviço pelo próximo exige certo número de qualidades, inatas umas, incutidas outras, todas capazes de se cultivarem e educarem, por forma que o mais egoísta e interesseiro possa, ao fim de algum tempo, tornar-se no exemplar mais perfeito e completo do Escoteiro abnegado.

Dedicação é a primeira que B.-P. inscreve à frente dessas qualidades, isto é o desejo de ajudar, em qualquer ocasião, os outros, ainda que com sacrifício do seu bem-estar pessoal, dos seus folguedos, do seu repouso, de tudo aquilo, enfim, que converge para o fulcro que é a nossa própria pessoa.

Abnegação, ou seja a dedicação levada ao seu mais alto grau: o sacrifício pelos outros.

Cortesia, essa flor rara que quase se não vê nos dias tristes que vivemos, em que o mais feroz egoísmo e o mais antipático desinteresse pelas belas qualidades que caracterizaram os tempos passados campeiam sem freio e sem lei.

Generosidade e *caridade*, mas praticadas sem alarde, apenas para dar satisfação à nossa consciência e jamais para ouvir louvores que os outros possam dirigir-nos como consequência dos nossos actos caritativos, o que automàticamente lhes tira todo o efeito e todo o alto significado.

Amizade para com todos, até mesmo para com os desconhecidos, sejam eles de classe superior ou inferior àquela a que pertencemos.

Finalmente, *delicadeza*, que já na Antiguidade remota distinguia os bem-nascidos daqueles que não tinham recebido quaisquer princípios educativos.

Todas estas qualidades devem ser apanágio do Escoteiro, de vós, meus rapazes, que nesta era de egoísmo e grossaria que atravessamos devem distinguir-vos entre os milhares de «rostos-pálidos» que jamais se preocuparam com outra coisa mais do que com o seu interesse pessoal e os seus prazeres.

A *dedicação* deve levar-vos a estar S. P. para ajudardes quem quer que seja, onde quer que seja, seja quando for, sem esperardes que outrem antes de vós o faça. O mérito não está tanto na acção em si, como, *sobretudo*, na sua expontaneidade. E não é preciso andar pelas ruas à procura de males para os mitigar. A dedicação não consiste apenas em praticar grandes actos de heroísmo, daqueles que levam os Governos a condecorar os heróis: salvamentos arriscados, missões cumpridas com perigo de vida, ou outras do género, heróicas, mas espectaculosas. Valem mais, infinitamente mais, para o aperfeiçoamento individual, as pequeninas dedicações ocultas, aquelas que só a nossa consciência vê, essas que nos deixam na alma uma grande paz depois de cumpridas, essas, enfim, que se fazem em casa, na escola, na oficina, no escritório, no quartel, em qualquer parte onde tenhamos de cumprir o nosso dever.

À própria *abnegação* se aplica o que vos acabo de dizer a respeito da dedicação, pois, como já vos disse, aquela não é mais do que esta levada ao seu mais alto grau. Também essa admite gradações, que vão desde os grandes actos de abnegação em que tudo se sacrifica, mesmo a vida, pelo próximo, até às pequeninas abnegações levadas a cabo dentro das quatro paredes da nossa casa, e das quais tantas vezes os nossos próprios familiares não têm conhecimento, nem medem a extensão do nosso sacrifício.

A *cortesia* e a *delicadeza* são qualidades naturais, pois têm-se visto até entre os povos mais rudes e selvagens, que chegaram a dar lições aos povos cultos da Europa. Mas também podem incutir-se no espírito dos jovens, mais fàcilmente impressionável do que o dos homens feitos. Há povos em que a cortesia é a natural característica, que logo impressiona o estrangeiro: os Franceses, por exemplo, ou os Japoneses. E todos os que nos têm visitado se têm mostrado impressionados com a nossa cortesia e delicadeza, salvantes as inevitáveis excepções, aliás raras. Verdade seja que nem sempre nos têm pago na mesma moeda: isso não há-de impedir-nos de continuarmos a ser corteses para com eles.

Mas uma coisa urgente, meus rapazes, é a cortesia entre nós *uns para com os outros*: essa é a que faz imensa falta e a que vos aconselho a praticar e desde já. A *generosidade*, a *caridade* e a *amizade* por vezes confundem-se, embora todas três possuam características próprias por que se distinguem claramente. Deveis ser generosos no elevado sentido da palavra, por actos expontâneos, que resultem de impulsos do vosso coração, como da vossa inteligência. E tanto pode traduzir-se em avultada esmola dada a um necessitado, como numa simples palavra capaz de chamar alguém ao bom caminho de que se desviou, ou numa palavra de conforto a um coração que chora e que se sentirá mais aliviado ouvindo-a.

A caridade impõe-vos o dever da esmola, essa esmola que as escolas socialistas combatem e condenam, mas que o Cristianismo preconiza e defende. Deveis, hoje como Escoteiros, amanhã como homens e ainda Escoteiros, esforçar-vos por que a justiça social reine sobre a Terra, pondo termo à miséria. Mas, como dizia o filósofo, *Natura non facit saltus:* há-de ser o trabalho *consciente* de gerações quem porá termo às injustiças sociais. Uma das mais poderosas alavancas para tal fim é o Escotismo. Sede, portanto, Escoteiros de alma e coração, porque sendo-o trabalhareis para transformar o Mundo e para acabar com as injustiças à face da Terra.

(Conclui na 3.ª página)

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

5.ª PALESTRA

(Conclusão da 2.ª página)

Mas, enquanto não chegar essa hora de justiça, a esmola terá sempre oportunidade. Não julgueis, porém, meus rapazes, que dar esmola é simplesmente deixar alguns centavos na mão engelhada ou dorida que se vos estende ao passar. Primeiro, é necessário que vejais a quem a dais, pois nem sempre o verdadeiro pobre é o que vagueia pelas ruas a pedir. A esmola a esses pode ser feita de modo humanitário, não individualmente, mas colectivamente.

Assim, cada grupo fará um inquérito rigoroso no seu bairro com o fim de saber quais são os verdadeiros indigentes, que a idade ou a doença impossibilita de trabalhar. Feito isso, cada patrulha organizará uma caixa constituída por donativos voluntários de cada Escoteiro ou de suas famílias, a que se juntarão o produto de festas dadas durante o ano, de bazares de prendas para esse efeito organizados, ou outros, e ainda das multas aplicadas aos infractores da Lei, aos retardatários às reuniões, aos que praguejarem, etc. Tudo isto pode contribuir para, com o produto dessas caixas, cada patrulha tomar a seu cargo a instituição de «sopas económicas» a distribuir pelos pobres protegidos do grupo, mas, notai bem, sem alardes nem parangonas. E ainda podereis dar aos vossos pobres agasalhos para o inverno, roupas usadas oferecidas ao grupo pelos sócios protectores, etc.

Mas não deve ficar por aqui a vossa acção: deveis ir mais longe. Podereis concorrer para tirar da rua as crianças que certos pais desnaturados trazem na «pedincha», recolhendo-as no vosso grupo, tomando-as sob a protecção da vossa patrulha, ensinando-as a ler e a escrever, incutindo-lhes o espírito do Escotismo desde os verdes anos, preparando-as para amanhã as receberdes no vosso grupo como vossos irmãos de ideal, quem sabe se futuros grandes homens úteis à vossa Pátria. Podereis, simultâneamente, ensinar-lhes uma arte, a que elas possam recorrer para ganhar a sua vida quando entrarem na adolescência. Será isto uma **B.-A.** muito grande. Fazei-a e vereis como sentireis imediatamente a aprovação da vossa consciência.

Podeis ainda organizar uma agência de colocações para aqueles que, do vosso bairro, estejam sem emprego, podendo vós, com a vossa actividade, pedindo a vossos pais, a vossos chefes, aos vossos conhecimentos, que coloquem aqueles que se encontram às portas da miséria por falta de mister útil a que recorrer.

Isto, sim, é que é a verdadeira caridade. Exercida com discrição, deixar-vos-á a alma lavada e a certeza de terdes sido úteis ao vosso próximo.

Resta a *amizade*, flor rara cujo perfume a tão poucos é dado aspirar. O simples facto de serdes Escoteiros impõe-vos a amizade fraternal de uns pelos outros, pelos vossos chefes, pela vossa família, pelos vossos compatriotas, por todos os homens. Lembrai-vos daquele célebre Kim, do livro famoso de Kipling, conhecido pelo «Amigo de toda a gente». Notai, porém, que a amizade impõe severos deveres: para com os vossos pais, obediência, acatamento e respeito; para com vossos irmãos, dedicação e ternura; para com vossos chefes, discrição e fidelidade; para com vossos inferiores, benevolência e delicadeza; para com toda a gente, lealdade. A amizade impõe-vos ainda o dever de conselheiros dos mais novos ou daqueles que sabeis em caminho errado. Fazei-o, porém, discretamente, sem forçardes as confidências, sem ferirdes as fibras mais íntimas da sensibilidade de outrem.

Meus rapazes: cultivai essa flor rara da Bondade. Cultivai-a e dai-lhe todos os vossos cuidados e carinhos. Ela vos retribuirá em satisfação pelo dever cumprido; ela contribuirá para que a vossa memória, quando já não fordes deste mundo, seja abençoada pelos desgraçados, querida dos vossos filhos, venerada por todos quantos vos conheceram e amaram pelas vossas virtudes. Que uns possam dizer: — Era um bom. Outros ainda: — Era um santo. E todos possam dizer: — Era um Homem!

O Velho Lobo Negro do Norte

E. C. D.

AS TOURADAS

UM ATENTADO À EDUCAÇÃO

(Conclusão da 1.ª página)

dos sentimentos morais, que é e deve ser a virtude distintiva do homem civilizado, impõe à natureza humana o horror do sangue. Tudo que seja promover, na educação do povo, a destruição desse sentido estético que ampara e dulcifica os sentimentos morais, é comprometer estes últimos. O amor e o prazer do sangue, substituindo-se ao horror do sangue compreende-se que criem no homem uma mentalidade de bruto, uma ausência de sensibilidade, de simpatia pela vida, que certamente se reflectirá nas relações com os outros homens, aproximando-o do crime».

* * *

Quisemos vincar bem o carácter pernicioso das touradas na educação do povo em geral, para dar maior relevo ao crime que representa a assistência de crianças e adolescentes a semelhantes espectáculos. A criança, tão impressionável e sensível, ao contemplar o gesto cruel de martirizar o touro, ao assistir às manifestações de alegria que essa barbaridade provoca, recebe uma imagem que forçosamente se gravará profundamente no seu espírito e deixará um traço indelével na sua personalidade em formação. Habituada a tais cenas, se se conseguir que a criança também sinta prazer nessa desumanidade, terá sido irremediàvelmente prevertida nos seus sentimentos e nunca mais poderá sentir compaixão pelo sofrimento alheio, essa virtude cristã que tem inspirado as obras mais nobres da humanidade.

Precisamos de defender a criança e o adolescênte de tão grave perigo para o seu carácter e para a sua saúde mental. Nós, que sacrificamos as nossas horas de ócio ao serviço da juventude, sentimo-nos particularmente autorizados a pedir, convictos das razões fortes que nos assistem, — que se não filiam em interesses materiais nem no mero prazer de assistir a um espectáculo colorido —, que seja rigorosamente impedida a assistência de menores às touradas e que esta medida seja rigorosamente cumprida e vigiada.

E não pedimos que se mantenha a proibição dos *touros de morte*, porque não nos parece que essa interdição esteja em causa.

«Sempre Pronto»

O «*Sempre Pronto*» encontra-se no sétimo ano de publicação e já vai longe, portanto, a data em que saiu o primeiro número, que provocou alvoroço e entusiasmo nos arraiais escotistas. Já, por isso, poucos se recordam da falta que fazia nesse tempo um jornal escoteiro. No entanto, os que então estavam nas fileiras, com um pouco de esforço da memória, lembrar-se-ão que os grupos viviam isolados, nada se sabia do que se passava sobre Escotismo nos diferentes pontos do país e muito menos do estrangeiro; e, no estrangeiro, até se ignorava a existência dos Escoteiros de Portugal.

Quando o «*Sempre Pronto*» surgiu todos o receberam de braços abertos e se alguma hesitação houve foi daqueles que descreram da possibilidade de manter um jornal de escoteiros. Mas, graças à colaboração de todos, o jornal manteve-se, progrediu e venceu todas as dificuldades.

Hoje, contudo, o jornal escotista já não faz falta pela razão simples de existir e com toda a regularidade mensalmente vir a público. Como já se não sente a necessidade, os entusiasmos desapareceram, as colaborações escasseiam, os escoteiros não compram jornais porque um exemplar é mais do que suficiente para um grupo inteiro ler.

Conclusão: Os grupos constantemente diminuem o número de exemplares a seu cargo, as assinaturas são canceladas. Isto para não falar naqueles assinantes-escoteiros (?) que não têm o menor escrúpulo em nos ficarem a dever jornais recebidos durante vários meses.

Há duas excepções honrosas, dois grupos que não diminuiram os exemplares a seu cargo: O Grupo n.º 52 de Angra do Heroísmo, que tem aumentado constantemente a quantidade que recebe; e o Grupo n.º 6 de Olhão. Todos os restantes reduziram o número de exemplares.

Tal facto tem conduzido o «*Sempre Pronto*» a uma situação difícil. Felizmente que os Antigos Escoteiros e os Amigos dos Escoteiros têm cumprido o seu dever e têm assinado o «*Sempre Pronto*». São eles, principalmente os Antigos Escoteiros, que têm mantido o jornal. Não podemos, pois, apelar para estes, mas vimos fazê-lo para os actuais escoteiros:

Chegou o momento de todos fazerem um esforço especial para secundarem o seu jornal; isto se vêem vantagem em o manter. Aqueles que aqui trabalham não podem fazer mais. Têm a sua vida e o seu bolso sobrecarregados com o jornal que está ao serviço do Escotismo. Apelam, portanto, para os amigos do jornal para que façam um esforço para aumentar a sua venda e angariar assinaturas. Se verificarmos que este apelo não é atendido, acabaremos por concluir que o jornal não interessa, que estamos desempenhando mal os nossos lugares, que haverá outros capazes e com vontade de fazer melhor, e procederemos de conformidade com esse testemunho dos nossos camaradas escoteiros.

Têm, pois, eles a palavra.

A DIRECÇÃO

O Escotismo é actividade

Baden-Powell, o genial criador do nosso Movimento, sabia expressar nos seus desenhos, com toda a clareza, o que ele considerava um escoteiro ideal. Quantas vezes o Grande Chefe mostrava ao mundo o que deve ser um escoteiro, pintava um rapaz saltando ágil e alegremente sobre qualquer das barreiras que a vida opõe no caminho do homem. Outro desenho característico de B.-P., e também representativo do dinamismo escotista, é aquele em que aparece a palavra IMPOSSÍVEL, à qual um escoteiro, com um pontapé, tira a sílaba IM, deixando só o POSSÍVEL.

Todos os escoteiros saídos do lápis de B.-P. têm de comum o seu dinamismo, a sua atitude de resolução, os seus músculos em acção. Eu nunca vi um escoteiro desenhado pelo fundador em atitude apática, caso não seja para mostrar o contraste. Portanto, como a minha inteligência não alcança mais do que isto, só posso imaginar um escoteiro dedicado a qualquer actividade.

E, seguindo um raciocínio muito simples, penso que oito escoteiros activos constituem uma Patrulha activa; várias destas Patrulhas formam um Grupo de positivo valor, e o conjunto de Grupos de tal qualidade um Movimento escotista nacional que marcha em frente com passo seguro.

Por isso me soou um pouco estranho aos ouvidos aquilo que nestas mesmas páginas escrevia «Lobo Velho», há algum tempo, da «total paralisação do Movimento Escotista», numa época em que as doutrinas de B.-P. oferecem ao Mundo, saído da recente guerra, o ideal de uma vida nobre e pura, e a árvore escotista enche-se de novos rebentos, que oportunamente produzirão bons frutos. Mas, contudo, parece que, salvo na Região de Lisboa e numa única Vila do Algarve, onde os Grupos marcham por bom caminho, no resto do país está-se muito perto dessa aludida paralisação.

De todos os modos, não posso crer na paralisação absoluta, e imagino que se trate sòmente de uma anquilosis temporal, susceptível de cobrar nova vida mediante a aplicação dos oportunos remédios escotistas. O Facultativo é, indubitàvelmente, o Chefe do Grupo «enfermo»; a medicina a actividade.

«Lobo Velho» dava uma boa receita: os concursos e competições constantes e variadas, para despertar o interesse e conservar a amenidade. O Escotismo é um Grande Jogo e há que jogá-lo a todo o momento. Porém há que jogá-lo — este é o meu conselho — no seu verdadeiro ambiente, no campo, no bosque, nas montanhas. Porque o Escotismo de sede, o Escotismo de Sala, só pode existir como *Complemento* do Escotismo verdadeiro, o do ar livre.

No campo, com frio ou com calor, com sol ou com chuva, é onde o Método Escoteiro pode obter os mágicos resultados que o seu criador nos faz conceber e que mais de 40 anos de desenvolvimento feliz, em todo o mundo, nos atestam.

É preciso orientar as actividades para o campo, para o ar livre, que é o que os rapazes gostam, o que verdadeiramente os faz sentir escoteiros, viver intensamente a grande aventura escotista. Nenhum Grupo que se lance por esse caminho com programa vigoroso e determinado, único caminho possível para obter pleno rendimento, chegará a paralisar.

Todos estamos convencidos de que se alcança maior êxito na educação e adestramento dos rapazes durante o desenvolvimento de um acampamento de oito dias, que em todas as sessões da Sede durante um ano. Porque não realizar, pois, todos os fins de semana, ou todos os domingos, um acampamento ou uma excursão?

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

Intercâmbio Epistolar Escotista

Pedido de correspondência

O escoteiro Fernando Pinto dos Santos, Avenida Torres Pinheiro, 132 em Tomar, deseja corresponder-se com um escoteiro espanhol ou francês, podendo ser utilizada, além da língua portuguesa, a francesa.

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Répteis

COBRAS

As cobras são dos répteis existentes no nosso país aqueles que mais odiados e perseguidos são. Mal uma surge em qualquer parte, logo se mobilizam todos os esforços para a destruir. A seu respeito circulam as crendices mais disparatadas. Assim se diz que as cobras mamam tanto nas mulheres como nos animais, que entram na boca das crianças que se alimentam a leite. Todavia está provado que isto não tem a menor veracidade. As cobras não mamam nem podem mamar, porque o não permite a configuração anatómica da sua boca. As cobras são carnívoras e alimentam-se de animais que caçam, engulindo-os inteiros. Ratos, toupeiras, coelhos, lagartixas, peixes e outros. Os seus dentes servem apenas para ferir e fixar as suas vítimas, servindo de propulsores da massa a engulir.

Já um naturalista fez a experiência de manter cobras sem comer durante vários meses (as cobras aguentam muito tempo sem alimento), colocando depois junto delas leite fresco, frio e quente, fermentado, mas nenhuma lhe tocou. Porém, assim que se lhe deitou um rato ou um pássaro foi imediatamente engolido.

Algumas vezes, quando se esmaga uma cobra, vê-se sair do ventre um líquido branco e julga-se que isso é leite. Contudo trata-se apenas do conteúdo dos ovos.

O facto da cobra ser um animal carnívoro torna-o de grande utilidade para a agricultura pelo número de animais nocivos que destrói, especialmente ratos do campo. No nosso país as cobras são inofensivas e só algumas espécies mordem no homem quando se julgam perseguidas, mas não são venenosas. Todavia elas procuram sempre fugir e só quando tocadas ou presas se defendem.

A cobra tem a cabeça oval, coberta de nove grandes placas dispostas simètricamente, a pupila do olho é redonda. Deslocam-se fàcilmente descrevendo voltas pouco acentuadas, levando a cabeça levantada sem tocar no chão.

VÍBORA

Ao contrário das cobras, a víbora é venenosa e muito perigosa. Há duas espécies: a preta e a comum. Distinguem-se das cobras porque têm e cabeça triangular, a pupila do olho é oval e vertical, ao contrário das cobras nunca têm nove placas na cabeça, arrastam-se lentamente, a cabeça colada ao chão, desenhando curvas sinuosas. O seu tamanho regula entre 40 a 70 cms. A víbora comum tem no focinho uma saliência córnea arrebitada. A víbora preta é mais pequena e possui uma lista negra dorsal a todo o comprimento.

Na mandíbula superior têm dois dentes ocos pelos quais expelem o veneno quando mordem. O seu veneno chama-se ecnidnina.

Em caso de mordedura é necessário o socorro imediato aplicando o soro próprio anti-viperino. Como socorro de emergência, que não substitui a aplicação do soro porque só este é de garantia, pode-se aplicar um torniquete entre a ferida e o coração, quando a mordedura é num membro. Isto evitará que o veneno se espalhe no corpo e permite uma mais oportuna intervenção médica.

Usa-se também fazer sangrar a ferida, alargando-a com um canivete, aplicando depois pachos de amoníaco ou uma solução de permanganato de potássio a 1 %.

Outro sistema usado é chupar fortemente o sangue no ponto mordido, porque este veneno não tem efeito sobre o aparelho digestivo. Contudo é necessário que a pessoa que executa a operação não tenha na boca qualquer ferida, caso em que seria por ela envenenada.

A víbora procura os lugares quentes e pedregosos, busca o borralho das fogueiras extintas, o calor das roupas. É preciso, por isso, muito cuidado ao levantar pedras ou molhos de feno ou vides. As víboras aí abrigadas, julgando-se perseguidas, procurarão morder e são bastantes decididas quando atacadas.

É bom inspeccionar as tendas antes do recolher.

Parece que as serpentes evitam passar sobre objectos aguçados. Por isso há caçadores que usam rodear as tendas com uma corda áspera, que as serpentes não ultrapassam. O local do acampamento bem limpo de pedras, fenos e vimes, é óptima garantia de segurança porque os trabalhos de acampamento afugentarão estes animais.

Uma coisa os escoteiros precisam de saber: As cobras existentes no continente português são inofensivas e úteis, não devem ser perseguidas. Só as víboras são venenosas e devem ser destruídas.

OBSERVADOR

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

SERVIÇOS CENTRAIS

BOLETIM OFICIAL N.º 3/51

Para conhecimento dos nossos leitores, recortamos deste Boletim, de 27 de Maio p. p., da A. E. P., os assuntos que pela sua natureza podem ter interesse geral.

Escotismo nas Colónias — O caso do Escotismo nas nossas Colónias está em estudo pela Direcção, que, de acordo com indicações superiores, resolveu a orientação a dar ao assunto. À medida que se obtenham resultados práticos pelos esforços realizados, e desde que isso seja proveitoso para a nossa causa, dar-se-á conhecimento geral.

«Jamboree» da Áustria—Foi resolvido, por razões fortes, não enviar qualquer contingente oficial a este Acampamento Mundial.

13.ª Conferência Internacional de Escotismo—Foi resolvido enviar uma Delegação a esta Conferência, constituída por três delegados, procurando-se *«que isso se faça com o mínimo dispêndio possível para a Tesouraria Associativa»*.

Acampamento Internacional de Londres — A Direcção resolveu enviar um contingente oficial dos Escoteiros de Portugal a este acampamento, atendendo o convite que lhe foi feito e a que o nosso jornal se referiu no n.º 62 de Junho do ano passado.

Informa a Direcção que se procura deste modo uma compensação à nossa ausência no «Jamboree» e que, sob certos aspectos, pode ser mais proveitosa do que este.

Nomeações — Foi criado o cargo de Chefe de Interligação Geral, com a função de visitar os grupos, núcleos e regiões de todo o país, tendo sido nomeado para o mesmo o Escoteiro Sr. Maximiliano Luís Maria Helbling, que, sem encargo para a Tesouraria, se desempenhará dessa missão.

Para Chefe dos Serviços de Arquivo foi nomeado o Escoteiro Sr. Raul Costa, e para Chefe dos Serviços de Biblioteca o Escoteiro Sr. Aníbal da Conceição Vieira.

Demissões—A seu pedido, foi demitido de Chefe do Departamento de Divulgação e Propaganda o Escoteiro Sr. José Manuel Miranda de Melo.

Por conveniência de serviço, foi dada a demissão ao Escoteiro Sr. João Gomes Alves, de Chefe do Grupo n.º 79.

• • o • •

Uma saudação dos escoteiros do Pará para os escoteiros portugueses

Em 22 de Maio último teve a gentileza de nos procurar na nossa Redacção o Comissário dos Escoteiros do Mar da Região do Pará da União dos Escoteiros do Brasil, Sr. Armindo da Costa Maia, que era portador de uma saudação dos escoteiros daquela Região brasileira «para todos os seus irmãos de Portugal, fazendo votos para que doravante sejam cada vez mais estreitas as relações de fraternal amizade entre o escotismo brasileiro e o português». Esta simpática mensagem era subscrita pelo Presidente e pelo Secretário da Região do Pará, Sr. Prof. Ewerton Dantas Tourinho e Dr. Ophir Martins Duarte, respectivamente.

Como o nosso ilustre visitante se demorava apenas algumas horas em Lisboa, não tivemos o prazer de o cumprimentar, tendo sido recebido por dois escoteiros do Grupo 94, que o acompanharam de visita a alguns monumentos da cidade.

O «*Sempre Pronto*» agradece a visita e, em nome dos escoteiros de Portugal, retribui reconhecidamente as gentis saudações endereçadas, formulando iguais votos pelo contínuo robustecimento da amizade do escotismo brasileiro e português.

Outro inquérito do «Sempre Pronto»

Devem os Escoteiros-Seniores substituir o calção-escoteiro?

A primeira resposta ao nosso inquérito chega-nos de Coimbra, de um amigo que não é Escoteiro, mas que aprecia o Escotismo pelos seus métodos, características e doutrinas. E, por isso, mais valor tem o depoimento. Trata-se do Sr. Prof. Délio Wells que nos afirma:

O calção deixa muito mais liberdade de movimentos, é muito mais prático, higiénico e saudável...

Antes mesmo de V. começarem com o vosso inquérito sobre se devem ou não os escoteiros-seniores substituir o calção escoteiro, permitam-me que, embora não tenha o prazer de pertencer a qualquer grupo escotista — porque aqui infelizmente não os há — grite, aqui do centro de Portugal, bem alto: — «Não»!

O calção deixa muito mais liberdade de movimentos, é muito mais prático, higiénico e saudável, por permitir apanhar SOL e AR nas pernas, etc...

A minha simpatia pelo Escotismo — e não só minha, como também de muitas outras pessoas que várias vezes tenho tido oportunidade de ouvir, é precisamente por a farda de escoteiro lhe permitir o uso do prático e saudável CALÇÃO.

Nos estrangeiros é frequente ver-se o uso do calção; mas, infelizmente, se nós, nacionais, fazemos uso dele, é-se ainda muito reparado e criticado. Com a farda, já, enfim, se vai obrigando o «povinho» a acostumar-se.

Tão-pouco creio que o escoteiro estrangeiro ponha de parte o calção, e, isto, deve ser levado em conta, pois o Ideal Escotista é Mundial e não Português. Nem foi criado por portugueses, pelo que não é justo que sejam os portugueses a criar-lhes agora novas alterações no vestuário ou fardas, que por certo não seriam aceites mas sim até talvez criticados pelos estrangeiros.....

Pedindo desculpa de ter metido foice em seara alheia, subscrevo-me, *etc.*

DÉLIO WELLS

A Permanência de Menores nas Tabernas

Foi determinado que só tenham execução a partir de Janeiro do 1 de próximo ano, as disposições da portaria n.º 13.540, de 19 de Maio, que proíbe o funcionamento em lugares públicos do futebol de mesa, bem como outros jogos semelhantes, não expressamente autorizados pelo sr. Ministro do Interior. A prorrogação de prazo desta medida, tão justamente promulgada, filia-se, certamente, no facto de estarem concedidas licenças para este ano.

A proibição destes jogos nos recintos públicos foi uma medida que causou geral satisfação e virá resolver um problema que se estava tornando grave. Especialmente nos meios escolares, os desengraçados jogos de futebol de mesa exerciam uma atracção que desviava os alunos constantemente do estudo, e os professores verificavam que o seu esforço no ensino era prejudicado sèriamente por tal distracção, que conduzia os inexperientes estudantes para a taberna, onde a sua educação perigava sèriamente.

Este adiamento para 1 de Janeiro próximo volta a trazer o mesmo perigo. Porém, existe outra portaria que proíbe a permanência de menores nas tabernas. Se a Polícia receber ordens para fazer observar esta disposição, o inconveniente dos referidos jogos ficará muito mais reduzido, evitando-se que adolescentes desprevenidos criem o hábito pernicioso da frequência das casas de venda de bebidas alcoólicas.

Neste sentido, apelamos para quem de direito, certos de que este nosso apelo será atendido, pois trata-se de defender a saúde moral e física da mocidade da nossa Pátria.

Comandante Henrique dos Santos Tenreiro

Pelos relevantes serviços prestados ao Escotismo Nacional e Mundial, que tornaram possível a realização brilhante das reuniões internacionais efectuadas em Portugal em Setembro de 1950, resolveu a Direcção da A. E. P. galardoar o Sr. Comandante Henrique dos Santos Tenreiro com a medalha de Dedicação e Bons Serviços, Classe Ouro.

DAVID M. DE BARROS

Este nosso caro amigo, dedicado representante do *«Sempre Pronto»* no Brasil e Director da revista «Alerta!», foi hospitalizado em Maio último na Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, e submetido a uma intervenção cirúrgica, em face de um rápido descolamento da retina.

Formulamos os votos mais sinceros de um rápido e completo restabelecimento deste nosso dedicado colaborador.

O Cinema e a Televisão

ao serviço da educação cristã

Películas de histórias bíblicas para Televisão

A Comissão Protestante de Rádio fez recentemente uma demonstração no Museu de Arte Moderna, de Nova Iorque, do seu primeiro esforço para produzir uma série de películas especiais para televisão. O Dr. Everett C. Parker, director da Comissão, anunciou que está produzindo uma série de 13 películas sobre histórias bíblicas. A primeira, «A parábola do bom samaritano», foi exibida perante dirigentes eclesiásticos e técnicos em televisão. Se a série der resultado será ampliada a 52 filmes. Trata-se de filmes coloridos, preparados para quando exista a televisão de cores, porém, por enquanto, tanto podem ser utilizados em branco e preto como utilizados em projectores comuns em igrejas e escolas dominicais. *(Shepherds).*

«Deus necessita dos homens»

um formoso filme francês

«Deus necessita dos homens», de Jean Delaney, é uma película francesa realizada por evangélicos, entre os quais o autor do argumento Pierre Bost e o principal protagonista Pierre Fresnay. Contudo, em Veneza a película obteve o prémio do Centro Católico de Cinematografia. Esta película teve a aprovação de R. P. Daray, conselheiro eclesiástico da Embaixada de França junto do Vaticano, que, depois de expressar algumas reservas de carácter religioso, declarou que uma película tão formosa não podia fazer dano a ninguém. *(Vea y Lea).*

O "Sempre Pronto" não se publicará em Agosto

Os três membros do Corpo Directivo do nosso jornal partem no sábado, 28 do corrente, para a Áustria, seguindo por Madrid e Paris, onde vão assistir ao «Jamboree» Mundial, em viagem paga pelo seu bolso pessoal.

Por esse motivo, não poderemos publicar o «Sempre Pronto» em Agosto, e todo o expediente que for recebido durante o mesmo mês terá despacho em Setembro p. f.

Em meados de Setembro publicaremos um número duplo, no qual esperamos oferecer aos nossos leitores uma reportagem deste grande acontecimento escotista.

Que os nossos leitores nos desculpem este curto interregno, que procuraremos compensar com o número dedicado ao «Jamboree».

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

ESPANHA

Comemorações do Dia de S. Jorge

Por motivo da comemoração do Dia do Escoteiro, reuniram-se num restaurante de Madrid 150 antigos-escoteiros num jantar de confraternização, que decorreu num ambiente de grande amizade e foi uma afirmação de confiança no ressurgimento do Escotismo na nação vizinha.

Noutras cidades espanholas efectuaram-se também comemorações que alcançaram grande êxito.

SUÉCIA

Um convite dos escoteiros suecos

Os escoteiros suecos convidam os escoteiros portugueses a tomar parte no acampamento que realizam em Barseback-Oresund, ao norte de Malmo, de 13 a 23 de Julho corrente, sendo de conta dos escoteiros suecos todas as despesas de estadia, exceptuando, claro está, despesas pessoais.

Espera-se que este acampamento seja visitado por numerosos escoteiros estrangeiros e comunica-nos o Secretário Internacional da Associação Sueca que teria muito prazer em receber escoteiros portugueses, para que Portugal pudesse estar representado em tão importante reunião escotista.

Para mais informações sobre o assunto o Comissário Internacional da A. E. P. fica ao inteiro dispor de quem as solicitar.

ISRAEL

Associação dos Escoteiros de Israel

A Associação dos Escoteiros Judeus de Israel apresentou o pedido de filiação à Repartição Internacional de Escotismo.

A referida Associação, que agrupa escoteiros e *girl-guides*, tem um efectivo de aproximadamente 7.000 membros.

O Director da Repartição Coronel Wilson, passou dez dias em Israel onde teve entrevistas com diversas personalidades interessadas no desenvolvimento do escotismo naquele país, e, após demorado estudo, resolveu recomendar ao Comité Internacional a aprovação da referida Associação, por a mesma ter preenchido todos os requisitos necessários para ser reconhecida.

Qualquer Associação, filiada no Bureau Internacional, que não concorde com a referida admissão, deve até 31 do corrente apresentar as suas objecções.

• • o • •

Carlos Fernando Garcia

Este nosso querido companheiro de trabalho no «*Sempre Pronto*», que os nossos leitores conhecem através da apreciada colaboração nestas colunas, encontra-se doente e durante alguns meses não poderá dar-nos a sua dedicada actividade.

Todos os que trabalham no «*Sempre Pronto*» lamentam o seu afastamente temporário, e expressam os votos sinceros de que em breve esteja restabelecido e possamos voltar a ter o prazer da sua companhia.

Campanha contra o tiro aos pombos

A Sociedade Portuguesa de Naturologia teve a iniciativa simpática de promover uma campanha contra o tiro aos pombos, espectáculo que contribui para o embotamento da sensibilidade, além do que representa de bárbaro manter inocentes aves encerradas em gaiolas para as largar estonteadas, enquanto certos *cavalheiros*, a quem abunda o dinheiro e o tempo, demonstram a sua perícia em as alvejar a tiro. Fraca arte e pior gosto. Seria interessante seguir o conselho do eminente escritor Aquilino Ribeiro, recenceando estes exímios atiradores, para em hora de perigo os mandar para a primeira linha.

Em 6 de Junho último, no salão da Voz do Operário, efectuou-se a primeira sessão de propaganda desta Campanha a que presidiu o Prof. Ângelo da Costa Cabral, e outras se vão seguir no mesmo sentido. O escoteiro — amigo dos animais e das plantas — não pode, não deve estar ausente desta campanha. Juntemos o nosso protesto ao dos promotores da campanha e peçamos às autoridades que suprimam um espectáculo que é prejudicial à educação da nossa mocidade e atentório das tradicionais virtudes do povo português.

• • o • •

Delegação em Moçambique

O «*Sempre Pronto*», desde a sua aparição, era representado em Moçambique pelo nosso Delegado Sr. Alberto Borges de Mendonça, amigo dedicado deste jornal, residindo na cidade da Beira, que nos prestou serviços relevantes e a quem manifestamos o nosso muito reconhecimento.

Por motivos que ignoramos, mas certamente imperiosos da sua vida, este nosso amigo não tem respondido às nossas cartas desde há bastante tempo. Por esta razão, sentimos ter de suspender esta nossa representação, que gostosamente manteríamos se o nosso antigo Delegado nos escrevesse expressando a continuação do seu interesse por este trabalho que sempre estimou.

Entretanto, a partir de agora, todos os assuntos dos nossos assinantes de Moçambique devem ser tratados directamente na Redacção, muito agradecendo que para aqui seja enviada a importância das assinaturas, já que temos dificuldade em proceder à sua cobrança.

Estamos certos que este nosso pedido vai ser por todos atendido, o que representará um auxílio ao nosso jornal.

O ESCOTISMO NA CAPITAL

Aniversário do Grupo N.º 1

Conforme noticiámos, das comemorações do aniversário do Grupo n.º 1 constavam torneios de *pingue-pongue* e *voleibol*, nas categorias juniores e seniores, disputados entre alguns grupos de escoteiros da capital e grupo de *Scouts de France* também de Lisboa, que terminaram com os seguintes resultados:

Torneio de pingue-pongue—*Juniores*
Vencedor: Grupo Francês

Torneio de pingue-pongue—*Seniores*
Vencedor: Grupo Francês

Torneio de voleibol—*Juniores*
Vencedor: Grupo 79

Torneio de voleibol—*Seniores*
Vencedor: Grupo 53

No dia 8 de Junho efectuou-se um chá íntimo entre o Grupo 1 e as equipas vencedoras dos Grupos inscritos, a fim de se proceder à entrega dos troféus às mesmas.

Esta pequena festa decorreu em franca camaradagem escotista, tendo apresentado algumas canções os grupos 1, 53 e o francês.

Dia do Escoteiro

Por motivo de luto pelo falecimento do Chefe do Estado, as comemorações da Região Centro do Dia do Escoteiro foram efectuadas no Domingo 20 de Maio.

Deputações de todos os Grupos da Capital reuniram-se de manhã na Praça do Comércio tendo desfilado até ao Castelo de S. Jorge, onde prestaram saudação ao Chefe Geral, Eng.º Nobre Santos, que falou aos Escoteiros sobre o significado do dia de S. Jorge e se referiu aos projectos que a Direcção da A. E. P. tem em vista para os próximos meses.

Em virtude do estado do tempo não permitir outras actividades, os escoteiros retiraram-se após o discurso do Eng.º Nobre Santos, tendo desfilado até à Sede Central.

★ ● ★

II CONGRESSO da Juventude Evangélica Portuguesa

Em 27, 28 e 29 de Maio último, reuniu em Lisboa este Congresso, no qual tomaram parte delegados de todo o país e uma delegação de sete membros da mocidade evangélica espanhola, presidida pelo Sr. Rev. Humberto Capó, um entusiasta antigo escoteiro.

O Congresso, cuja Comissão de Honra era constituída pelos Srs. Rev.ºs Paulo Torres, Dr. António Maurício, Júlio Roberto dos Santos, José Ilídio Freire, Coronel Dr. Daniel Marques Perdigão e Eng. Pedro de Castro Silveira, ocupou-se além de assuntos de natureza espiritual e organização religiosa, de problemas de grande interesse para a educação da infância e da juventude, e aprovou uma tese apresentada pelo Director do nosso jornal, no sentido de ser fomentado e desenvolvido o Escotismo nas associações e igrejas evangélicas, criando-se para isso uma associação escotista evangélica, cujo reconhecimento e filiação se proporia à Associação dos Escoteiros de Portugal.

Esta tese foi muito bem recebida e espera-se que alguns novos grupos de escoteiros evangélicos irão surgir em diferentes pontos do país. Os Chefes dos Grupos Evangélicos vão reunir para estudar, por sua vez, este novo aspecto do Movimento e procurar estabelecer normas de trabalho para a difusão do Escotismo.



HISTÓRIA DE PIKATIN-PIKATIO

É muito possível que nenhum dos leitores conheça o Pikatín-Pikatio; pelo menos, o Pikatín-Pikatio da época a que eu me refiro. Porque ao de agora, a esse velho verdelhão que habita no abeto grande no caminho do rio, é relativamente fácil conhecê-lo. Não é que Pikatín-Pikatio seja dado a receber visitas, nem a deixar-se ver. Isso era dantes, quando mais jovem. Porém, se alguns dos amigos acerta a passar por baixo de sua verde vivenda em qualquer manhã alegre, poderão escutá-lo e reconhecê-lo entre todos os outros alados habitantes do grande abeto. O seu discurso é tão vivo, tão cheio de sábios conselhos, tão amargo!... Sim, amargo. Toda a experiência tem um fundo de amargura, e a experiência de Pikatín-Pikatio, essa experiência que entristeceu a luz dos seus redondos e brilhantes olhitos, e abateu para sempre o inconfundível gozo do seu voo, é daquelas que ensina a arte de viver. E já sabemos que este ensino nem sempre é amável, nem sequer para um verdelhão garoteco e cantor, feliz e alojado nas livres palmas do vento, e com um coraçãozito mais ou menos do tamanho de uma avelã.

Antes, quando não tinham ainda passado tantos dias nem tantas coisas pela tibieza das suas esverdeadas penas, vivia Pikatín-Pikatio nos arredores da grande cidade, muito próximo do campo dos desportos. Vivia tão feliz e despreocupado quanto se pode imaginar, e tinha muitos amigos, muitos!. Com eles voava em bandos ruidosos e estridentes sobre os campos de *rugby*, basquetebol, hóquei... Nos dias de festa, os jogadores que andavam por ali, afanosos e excitados, com as suas indumentárias de cores berrantes e alegres, costumavam levantar as cabeças, de cabelo escuro e tez morena, quando passavam os bandos buliçosos. — Aí deve ir Pikatín-Pikatio! — diziam alguns sorrindo. Também voava sobre os campos circundantes e sobre eles pousava preferentemente. Pequenos talhões quadrados e rectangulares, de tonalidades diferentes, que, lá nas alturas do voo de Pikatín-Pikatio, pareciam a coberta de remendos da cama de qualquer lar feliz e humilde. Uns tinham semeado trigo ou cevada, alguns estavam ermos, e outros cheios de fresca e verde erva de pasto. Porém todos, sem excepção, tinham o mais terrível e descomunal perigo que se pode imaginar: os caçadores de pássaros. Esses aprendizes de caçadores, furtivos, que à margem de toda a lei costumam estender as suas redes invisíveis e silenciosas, em qualquer lugar habitado por palradores e inocentes Pikatins-Pikatios. Esses homens cinzentos, tão enganadores como as suas próprias redes, sempre agachados na beira de qualquer carreirito, e rodeados das compridas e estreitas jaulas onde encerram todas as suas aladas vítimas.

Pois bem; um dia, um dia qualquer de sol, um dia de festa, o pobre Pikatín-Pikatio caiu na rede de um destes homens. Sem saber como, sem dar conta exacta do que se passava, são assim as coisas terríveis, encontrou-se tão envolvido e emaranhado na malha, como um peixito envolto em farinha. Mil vezes intentou levantar voo, mil vezes o voo ficou interrompido e triste entre os finos e fortes cordéis. Chamou e clamou com toda a força da sua angústia, e a força da sua angústia voltou-lhe em eco na garganta de outros companheiros de prisão. Depois, Pikatín-Pikatio sentiu medo, manteve-se quieto e já não ousou gritar.

Quando a luz daquele dia tocava no seu fim, com o sol a fugir e a noite a chegar, os caçadores de pássaros empreenderam o regresso à cidade, quietos e silenciosos, e com as longas e estreitas jaulas cobertas com sujas lonas, repletas de pássaros... animalitos pequenos e assustados, que tinham medo e não ousavam gritar. Quando a luz daquele dia se foi, dando passo às sombras da noite, nas casas dos caçadores de pássaros havia grande ruído e animação. Debaixo das lanternas sem pantalha, pobres e sórdidas, começou a classificação da dorida presa. Porque ali era exposto o abatido orgulho das asas manietadas, derrubado o gozo da cabeça emplumada, a vermelha ferida das patitas rasgadas e rosadas. Porém, se para alguns dos tristes presos, dado o lamentável estado do seu corpozito aprisionado, era este o momento da libertação, de entregar, pelas mãos do homem, o seu pequeno e conturbado espírito ao Criador; para outros, este era sòmente o começo de um fim mais ou menos perto, porém cujo caminho a percorrer estava cheio de desditas sem conto. Os caçadores de pássaros... Entre eles está espalhada a ideia de que, para que um pássaro cante bem, o que se diz bem, preciosamente, é necessário atravessar-lhe a alegria da visão com uma fina agulha candente...

Porém, desviei-me do assunto. Os Senhores sabem que Pikatín-Pikatio estava numa daquelas gaiolas. Sim, estava, e tocou a sua vez. E o caso é que a soube aproveitar e alguma força bondosa da água, do ar ou da terra o quis ajudar. Quando, no obscuro instante do homem fechar a mão, encontrou-se Pikatín-Pikatio revolteando ràpidamente num ambiente totalmente desconhecido; uma mistura de emoções sacudiu o seu apoquentado coração, que assim, de repente, entre o grítario de vozes roucas e grosseiras, não logrou o nosso verdelhão pôr as suas ideias em ordem, mas, a pouco e pouco, outra vez sem saber como, — também as coisas que não são terríveis sucedem assim — encontrou-se voando no fresco e ilimitado ambiente da ampla noite. Era um dia de primavera, e os caçadores de pássaros haviam deixado aberta a janela da sua miserável casa da cidade.

Pikatín-Pikatio voou mui fatigadamente, mui doridamente, sob a noite estrelada. E saiu da cidade, deixou atrás os campos de desportos, e campitos pequenos que semelhavam cobertas de cama de um lar feliz e sem importância. E voando, voando, afastou-se de todo o passado, chegando ao amanhecer ao grande abeto que está no caminho do rio. Ali parou a descansar. Era esta sòmente a sua intenção; porém, quando chegou o novo dia, encontrou-se com outros verdelhões alegres e confiados como ele havia sido, que quiseram saber de onde vinha... Passaram dias e horas, e Pikatín-Pikatio ficou a viver ali. Voltou a ter muitos amigos, muitos! Porém, não tornou a ser o loquaz e folgação Pikatín-Pikatio que fora. E isso o sabemos todos os poucos que o conhecemos antes, faz já muito tempo, o distante tempo da sua juventude.

LORETO AZPEITIA

ALMA AZUL

• • o • •

Dos amigos do «Sempre Pronto»

Casamento — Em 24 de Junho último realizou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Maria Helena Gomes Carvalhal com o nosso estimado assinante e antigo-escoteiro do Grupo 94 Sr. José Dionísio Morais Monteiro. Aos noivos o «*Sempre Pronto*» endereça votos de perenes felicidades.